

De camarote no rock de Brasília

Espectador privilegiado reúne em livro histórias saborosas dos anos em que as bandas alteraram decibéis da cidade

Reproduções

Paulo Marchetti, 31 anos, tem cinco a menos que os sujeitos que se transformaram em estrelas do rock brasileiro. Isso garantiu ao ex-diretor da MTV vários cascudos, como ele próprio confessa, no fim dos anos 70 e início dos 80, quando um importante capítulo da música brasileira estava acontecendo e ele estava lá, de coadjuvante. Dinho Ouro Preto, Dado Villa-Lobos, Philippe Seabra e Renato Russo, entre outros, eram os algozes do garoto. Mas também eram camaradas, emprestavam discos, levavam aos shows e fizeram dele um espectador privilegiado no caldeirão de punk rock que esquentava a capital federal. Foi graças a essa convivência que Marchetti conseguiu escrever *O diário da turma 1976-1986: a história do rock de Brasília*, que chega agora às livrarias.

No livro, organizado a partir de depoimentos de gente que viveu na Brasília daquele período, Paulo Marchetti pára em 1986 porque quis dar conta só do que chama de "pré-sucesso". Ele fala, por exemplo, do clima no estúdio durante a gravação do primeiro disco da Legião Urbana. "Minha preocupação foi explicar 'o antes', falar dos bares em que eles bebiam, das meninas que eles namoravam, das pessoas com quem brigavam", diz Marchetti, que resistiu à tentação de sentar-se e digitar apenas o que lembrava. Ele colheu depoimentos e montou o livro em cima do que 60 pessoas lhe (re)contaram, dando ao trabalho ares de *Mate-me por favor*, recente sucesso editorial que conta a história do surgimento do punk nos Estados Unidos. "A semelhança de formatos foi coincidência. Quando vi aquele livro falei: 'ah, então quer dizer que minha idéia é viável!'. Prefiro fazer um trabalho de relatos para ser fiel à história."

Vandalismo – Ser fiel significou também não deixar de falar de atos de vandalismo cometidos pela turma. Mas o autor diz que preferiu não pontuar o relato com drogas e violência, porque não eram esses os principais combustíveis da época. "O *Mate-me por favor*, se torcer, sai sangue. A droga da turma de Brasília era a música", compara ele, que não deixa, no entanto, através das declarações, de falar sobre o consumo de substâncias proibidas na turma. Assim, este não é um trabalho de revelações bombásticas, tampouco de fofocas. Marchetti também não



Renato Russo, da Legião Urbana, e o Capital Inicial, em sua formação original: algumas das estrelas de *O diário da turma 1976-1986*

quis investir em assuntos que já foram tratados por gente de Brasília. Daí, uma das grandes curiosidades do brasileiro de 30 e poucos anos, saber mais sobre Eduardo e Mônica (personagens da música homônima da Legião Urbana), não é saciada porque Renato Russo já havia falado sobre isso em entrevistas.

Para entender melhor cada um dos assuntos, não basta ao leitor concentrar-se num capítulo. "A história das bandas se confunde com a da turma toda. Se fosse escrever um livro sobre Legião Urbana, seria importante ter um capítulo grande sobre os outros grupos. Num trecho em que se fala de festas, por exemplo, dá para ficar sabendo como o Dado Villa-Lobos conheceu alguém que tocou junto com ele etc. Os desconhecidos eram muito importantes, emprestavam carro, faziam *buttons*, montavam barraquinhas de bebidas", lembra o autor, que vê aí semelhança entre Brasília e a Seattle que deu ao mundo bandas como Nirvana e Pearl Jam.

Russo – Marchetti diz que escreveu não só o livro que ele queria ler, mas o

que Renato Russo queria fazer. "A idéia dele era ser romancista, escrever ficção. Mas o Renato também queria fazer um livro contando a história daquela geração", revela. Ele espera ter conseguido "mostrar o lado mais humano dos personagens, não apenas o lado artista". "Ele não era o líder da turma. Era o líder da Legião Urbana. Era *perseguido* como todo mundo", lembra, sem segurar o riso quando diz que, a cada semana, mudava o Cristo da tribo.

O autor diz que quis dar aos leitores informações sobre o que acontecia na Brasília de até 1986 porque, depois desse ano, a turma se desfez. Depois disso, cada um foi para um lado fazer sucesso de uma maneira diferente. Sucesso do qual, segundo ele, não será possível para a nova geração sentir o gosto com a mesma intensidade. "Agora, lá, está tudo muito espalhado; não existe uma cena. Apareceram muitos subgrupos", lamenta. (Adilson Pereira)

Título: O diário da turma 1976-1986: a história do rock de Brasília. Editora: Conrad. Páginas: 200. Preço: R\$ 39 em média.

Na boca dos roqueiros

"(...) Eu, Dado, Tavo e Pedro fomos morar juntos na 213 Sul. Nessa época, eu ensaiava de manhã, trabalhava à tarde e estudava à noite. (...) Foi nessa época que começamos a cheirar cocaína. Muita cocaína. Isso não era legal... Éramos moleques e ficávamos muito loucos. (...) Nunca mais vi tanta cocaína como naquela época."

Dinho, cantor do Capital Inicial

"Durante um tempo todas as bandas da Turma se associavam. No momento em que todas elas começaram a gravar e seguir caminhos diferentes, esse vínculo entre elas acabou porque não era muito forte. A partir disso começou a rolar uma certa competição."

Herbert Vianna, do Paralamas do Sucesso

"Nós íamos transformar o porão do Fred, no Lago Norte, em um estúdio."

Na mesma época, uma casa de carpetes acarpetou um setor comercial inteiro. (...) Às duas da manhã, amarramos uma ponta da corda numa das pontas do carpete, e a outra ponta da corda amarramos no carro do Barney. Ele arrancou, com o carro, o carpete inteiro. Forramos o porão todo."

Pomarola, integrante da turma na época

"O Renato era um cara bastante espontâneo, fazia as coisas numa boa, tranquilo... Mas ele tinha uma coisa de querer ser manipulador da situação."

Loro Jones, guitarra do Capital Inicial

"(...) Eu fui usar o equipamento do Philippe, que era 110V, e liguei numa tomada de 220V. Queimou tudo. O Philippe nunca me perdoou."

Herbert Vianna